Gianni Dagli Orti/Corbis/Stock Photo

INTRODUÇÃO

PRÉ-HISTÓRIA

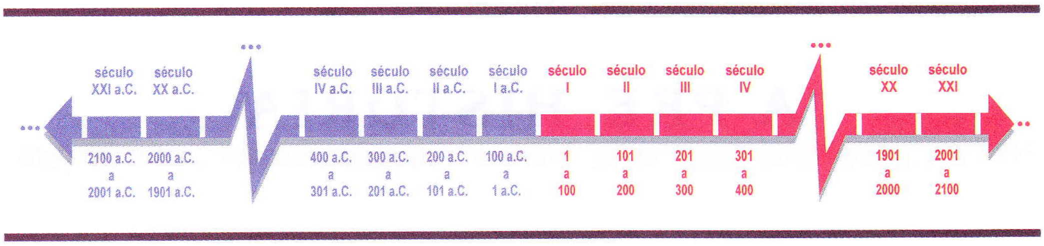
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA HISTÓRIA

É no estudo do passado das sociedades, buscando resgatar e compreender suas realizações, que descobriremos as motivações e os efeitos das transformações pelas quais passou a humanidade, reunindo, assim, os elementos que ajudam a explicar a nossa atualidade. Um mecanismo didático que facilita este trabalho do historiador e do estudante, viabilizando a conquista deste patrimônio humano, é a periodização da história.

O fluxo histórico, no entanto, é contínuo e sem interrupções, assim a divisão do tempo em períodos vincula-se ao enfoque e à linha de análise de cada historiador, originando divergências entre eles. A origem, a formação e as opções analíticas do historiador determinam, desta forma, diferentes visões do processo histórico, além da valorização de alguns fatos em detrimento de outros. Mesmo assim, sem escapar destas limitações e dada a importância da periodização como recurso, utilizaremos uma de suas formas bem simplificada e ampla, de uso bastante generalizado. No entanto, ela deve ser encarada de forma crítica, pois trata-se de uma concepção da história que tem a Europa como eixo, denominada **eurocentrismo**. Além de tomar como marcos fatos relacionados à história européia, essa concepção acredita no desenvolvimento linear da humanidade que caminharia de estágios mais "atrasados" para mais "avançados", numa trajetória evolutiva do mais simples para o mais complexo, tomando a Europa como modelo mais desenvolvido. Dentro disso, o termo Pré-história carrega a idéia errônea de povos anteriores à História, como se o conjunto de ações dos seres humanos, mesmo daqueles sem escrita, não fosse também História. Antes de apresentá-la, é imprescindível esclarecer alguns elementos ligados à questão do tempo.

Desde o final da Idade Média, utiliza-se, no Ocidente, a cronologia cristã, que substituiu outras como a árabe, por exemplo, que conta seus anos a partir da hégira (fuga de Maomé para Medina). Entre os povos americanos, a adoção do calendário cristão é conseqüência da colonização européia.

No calendário cristão, os anos anteriores ao nascimento de Cristo – obrigatoriamente seguidos da sigla a.C. – têm contagem decrescente, enquanto os posteriores apresentam contagem crescente – seguidos da sigla d.C.ou A.D. (*Anno Domini* = Ano do Senhor), ou sem qualquer sigla. É importante destacar que a contagem parte do ano 1, considerado o ano do nascimento de Cristo, não existindo o ano zero. Verifique o gráfico abaixo:



Vale observar também que, como a história lida com longos períodos de tempo, utiliza-se com freqüência a unidade de tempo chamada século, equivalente ao período de cem anos. O mecanismo de contagem dos séculos é similar ao dos anos. Assim, o ano 2000 pertence ao século XX, enquanto o ano 1500 a.C. ao século XV a.C., o ano 476 ao século V e o ano 753 a.C. ao século VIII a.C.

A partir da escrita, veja a usual periodização que utilizaremos ao longo do livro:

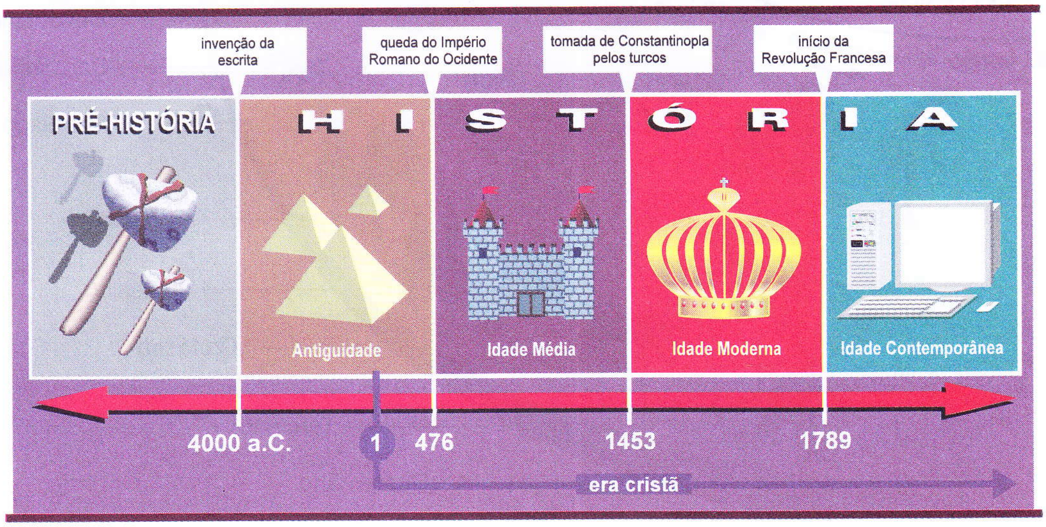
- **Idade Antiga**: iniciando-se aproximadamente em 4000 a.C., com o advento da escrita, e estendendo-se até a queda de Roma em 476. Durante esta fase, encontramos as estruturas de servidão coletiva, típicas do Oriente e as estruturas escravistas do Ocidente clássico.

- **Idade Média**: iniciando-se em 476 e estendendo-se até 1453, quando terminou a Guerra dos Cem Anos, na Europa, e a cidade de Constantinopla caiu em mãos dos turcos otomanos. Durante o período medieval prevaleceu a estrutura socioeconômica feudal no Ocidente.

- **Idade Moderna**: iniciando-se em 1453 e estendendo-se até 1789, quando teve início a Revolução Francesa. Durante esta época, consolidou-se progressivamente uma nova estrutura socioeconômica que ainda conservava poderosos resquícios da ordem feudal medieval. Esta estrutura é comumente denominada capitalismo comercial.

- **Idade Contemporânea**: iniciando-se em 1789 e estendendo-se até os nossos dias. Em nosso século, o capitalismo atingiu a sua maturidade e plena dinamização, alcançando progressivamente a sua globalização.

Considerando que essa divisão da história tem função didática, isto é, a de facilitar e organizar o estudo do passado, utilizaremos ainda, sempre que necessário, outras subdivisões bastante simples e usuais para cada um dos grandes momentos da evolução humana.

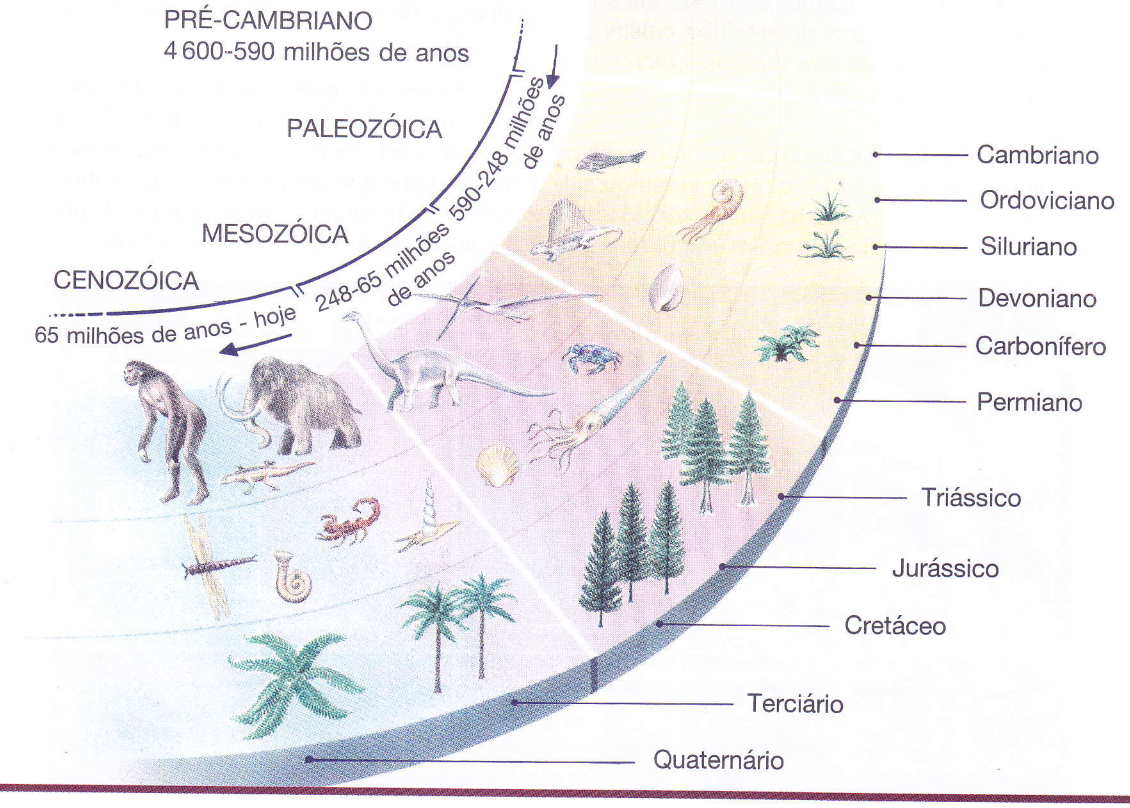


A PRÉ-HISTÓRIA

Os primórdios da humanidade

Os cientistas admitem, mesmo sem comprovação definitiva, que o nosso planeta tenha se formado há cerca de cinco bilhões de anos e que a vida, em sua forma mais primitiva, tenha surgido um bilhão de anos depois. Foi, no entanto, há apenas quinhentos milhões de anos que ocorreu a "explosão" da vida nos mares e, bem mais tarde, cerca de 250 milhões de anos, os primeiros vertebrados deslocaram-se para a terra firme, quando surgiram os répteis e os primeiros mamíferos.

No estudo da vida sobre a Terra, em seus primórdios, e das transformações operadas no decorrer do tempo, é comum recorrer-se aos gigantescos períodos denominados eras geológicas.



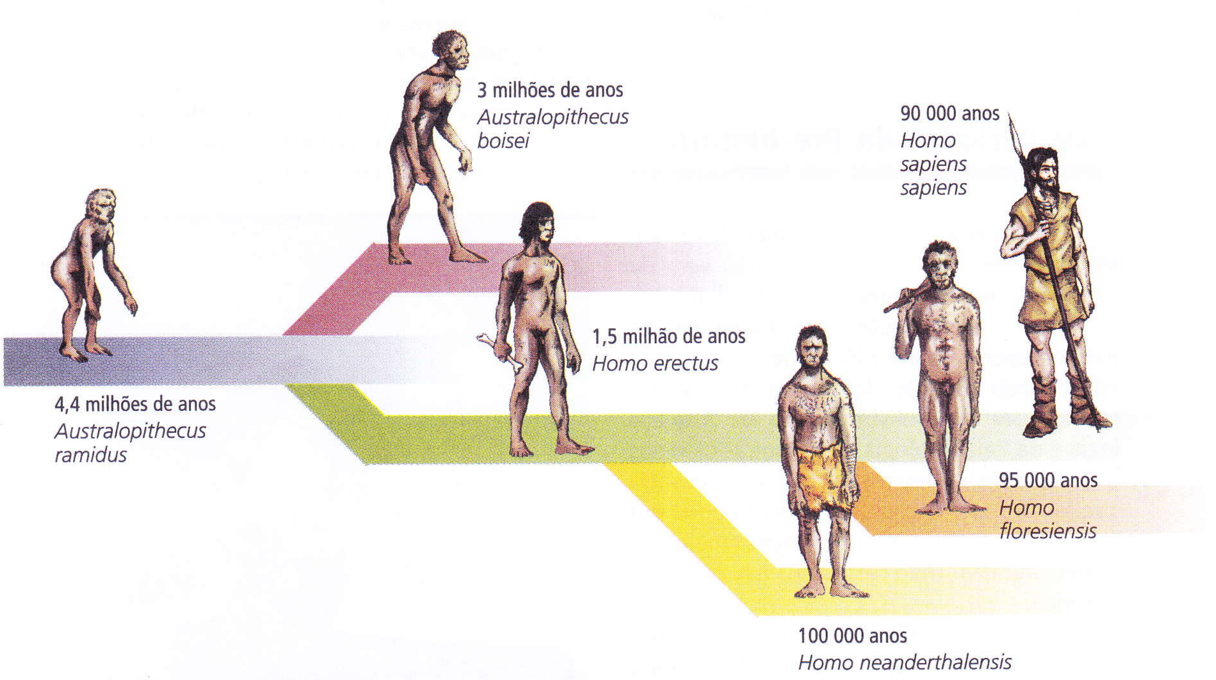
Apesar do desconhecimento de formas intermediárias que levaram ao surgimento dos répteis e dos mamíferos, as pesquisas científicas indicam que eles evoluíram para espécies que resultaram nos dinossauros e nos mamíferos modernos – nestes últimos, incluídos os primatas.

No curso de sua evolução, esses primatas adquiriram maior capacidade de mover os membros, de fazer uso dos dedos polegares – que garantiram maior eficiência e destreza no uso das mãos – e de manter o tronco ereto. Entretanto, os primatas apresentaram diferente desenvolvimento do cérebro, o que possibilitou o aparecimento de formas superiores, como a dos antropóides.

Registros fósseis indicam que um dos primeiros hominídeos – o *Australopithecus* – surgiu na África há, pelo menos, 4 milhões de anos. Suas características, que o diferenciavam dos outros ramos primatas, eram: um cérebro mais desenvolvido, uma dentição semelhante à do homem atual, o andar bípede e a postura ereta. O *Australopithecus* também era capaz de fazer uso de instrumentos rudimentares.

Outros registros apontam a existência, há cerca de 1,8 milhão de anos, do *Homo erectus*, cujos vestígios foram encontrados em diversos lugares do planeta, destacando-se o achado na ilha de Java, na China e na Tanzânia. Foi a partir do *Homo erectus* que, acredita-se, tenha evoluído o homem atual, passando pelo **homem de Neanderthal** e pelo **homem de Cro-Magnon**.

Nesse processo, o homem tornou-se cada vez mais hábil, aprendendo a utilizar as mãos como instrumento de trabalho, desenvolvendo a capacidade de raciocínio e a busca da domesticação do meio ambiente em que vivia, criando ferramentas que facilitassem as atividades, como caçar, preparar e consumir os alimentos. Foi a partir do achado e do exame de alguns desses instrumentos, bem como de outros indícios, que se construíram (e ainda se constroem) as hipóteses sobre o que aconteceu com nossos ancestrais. Assim, a evolução física contribuiu para que houvesse mudanças de comportamento e estas a outras alterações físicas, num lento processo evolutivo até se chegar à espécie a que pertencemos, a do *Homo sapiens sapiens*.



Quadro do provável caminho evolucionário dos hominídeos desde o grupo dos *Australopithecus* até o *Homo sapiens sapiens*, ao qual pertencem todos os atuais grupos humanos. Uma recente descoberta arqueológica na Ilha das Flores, Indonésia, divulgada em outubro de 2004, lançou mais discussões sobre os primórdios da evolução humana. Ela aponta o *Homo floresiensis*, de cerca de 1 metro de altura, que teria existido entre 95 mil e 12 mil anos atrás.

Donald Johanson, respeitado antropólogo da Universidade de Berkeley, Califórnia, nos Estados Unidos, e diretor do Instituto para Origem do Homem, em entrevista à revista *Veja*, de 18 de maio de 1988, afirmou: "Não resta dúvida de que todos os seres humanos tiveram a mesma espécie ancestral comum, e nesse sentido somos todos irmãos – independentemente da raça. [...] O *Homo erectus*, a última escala evolutiva antes do *Homo sapiens*, que somos nós, tinha a pele negra. Ele foi o primeiro ser de linhagem *Homo* a abandonar a África, o berço da humanidade. Do *Homo* erectus, que era preto, derivam todas as outras raças, dos europeus de olhos azuis e cabelos louros até os autóctones australianos. [...] Em alguns aspectos do coração das células, no DNA, o material genético, pode haver mais diferenças entre seres de uma mesma raça do que entre seres de raças distintas. Isso mostra como a raça é algo cosmético na linha de evolução da humanidade".

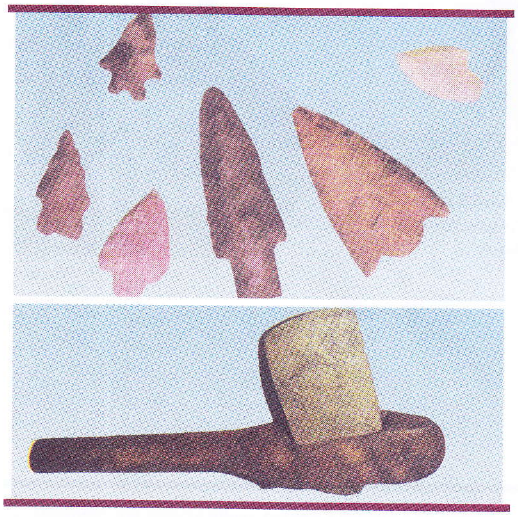
Os períodos da Pré-história

Literalmente, Pré-história quer dizer "antes da história", e a sua designação vem da idéia de que a história não poderia ser estudada e reconstituída sem fontes (documentos) escritas. Essa idéia, que tomou força na segunda metade do século XIX, só foi revista com o desenvolvimento da Arqueologia e da Paleontologia, entre outras ciências que buscam a reconstituição do passado através de fósseis e objetos encontrados em escavações, considerando a importância das fontes ágrafas (não escritas) na pesquisa histórica.

O primeiro e mais longo período do desenvolvimento humano, que se estendeu até perto de 10000 a.C., chamamos de **Paleolítico** ou **Idade da Pedra Lascada**. Comparados a ele, os tempos históricos posteriores representam apenas alguns minutos na longa trajetória da humanidade. Vale observar que não é raro encontrarmos uma subdivisão deste período em Paleolítico Inferior, até perto de 30000 a.C. seguido do Paleolítico Superior (30000 a.C. - 10000 a.C.).

No Paleolítico, a subsistência era garantida com a coleta de frutos e raízes, a caça e a pesca; para isso, empregavam-se instrumentos rudimentares, feitos de ossos, madeira ou lascas de pedra. Entretanto, nem sempre o meio natural era propício ao desenvolvimento dessas atividades: a escassez de alimentos ou a hostilidade do meio ambiente obrigavam os grupos humanos a viver como nômades, deslocando-se de uma região para outra, em busca de melhores condições. Um dos maiores avanços nesse período foi a descoberta e o controle do fogo, permitindo o aquecimento durante o frio, a defesa ao ataque de animais e a preparação de alimentos.

Sobrevivendo quase sempre em abrigos naturais, como cavernas, copas de árvores ou choças feitas de galhos, os homens do Paleolítico viviam em bandos e dispunham coletivamente das habitações, terras, águas e bosques. De certa maneira, a vida em bandos e as habitações constituíam sementes de uma futura vida sedentária, só não implantada até então por causa da necessidade de ampla movimentação num grande território, imposta pelas atividades de coleta e caça.



A transformação do sílex em pedra-ferramenta: objetos de pedra lascada do Paleolítico e machado de pedra polida.

Quanto às cavernas, muitas delas acabaram se transformando em recintos funerários e, a seguir, em centros cerimoniais, atraindo grupos pré-históricos, num movimento que indicava um germe das futuras cidades do período histórico.

Com a última glaciação, entre 100000 a.C. e 10000 a.C., aproximadamente, ocorreram profundas alterações climáticas e ambientais que estimularam a intensa migração de animais e seres humanos, levando os homens primitivos a ocupar, ainda que de maneira esparsa, as diversas regiões do globo: da África à Europa, da Ásia à América e à Austrália.

"A duração da última glaciação, que obrigou os europeus a viverem em cavernas, significa que muitos de seus esforços artísticos sobreviveram à passagem do tempo, e muitos exemplos magníficos têm sido descobertos na França (mais de 60 cavernas conhecidas) e Espanha (até agora por volta de 30). Graças ao clima um tanto ameno na África, os indivíduos de lá não tiveram que se refugiar em cavernas. Isso significa, infelizmente, que a maior parte das pinturas pré-históricas da África ficavam nas superfícies expostas das rochas, que aos poucos se desgastaram pela ação do tempo. No entanto, existe uma exceção impressionante: no distrito de Cheke, na Tanzânia, há algumas superfícies de rochas que fizeram parte de abrigos rochosos pré-históricos, pintadas com cenas de animais e seres humanos, em grande parte no mesmo estilo e técnica de composição que os similares da Europa. [...]

Ao tempo em que os povos da África e Europa estavam trabalhando em suas pinturas mais avançadas, a humanidade já tinha conquistado mais dois continentes, a Austrália e as Américas. Em ambos os casos, há o problema de como eles viajaram da massa de terra Europa-Ásia-África para o que hoje são ilhas. Como eles atravessaram os mares?"

LEAKEY, Richard Erskine. *Origens*. Brasília, Universidade de Brasília, 1980. p. 141-2.

Paralelamente, ocorreram avanços tecnológicos, como a invenção do arco e da flecha, do arremessador de lanças e a obtenção de maior eficiência na utilização do fogo. Isso contribuiu para uma organização social cada vez mais ampla dos homens do período Paleolítico, até que se chegou a constituir aldeias.

Novos valores culturais e espirituais passaram a orientar a vida dos membros dessas comunidades de caçadores e coletores. As pinturas encontradas em cavernas, como as de Altamira, na Espanha, e Lascaux, na França, comprovam a existência de crenças e cerimoniais entre os homens primitivos, além de serem inegáveis exemplos de suas habilidades artísticas.

Pintura rupestre da caverna de Lascaux, na França, onde foram preservadas diversas pinturas executadas pelo homem há mais de 15 mil anos.

As transformações ambientais ocorridas nesse período favoreceram também a sedentarização de diversos grupos, fixando-os a uma determinada área. A abundância de vegetais em algumas regiões, especialmente aveia, trigo e cevada, estimulou o início do processo de desenvolvimento agrícola. Possivelmente, foram as ocupações duradouras em algumas áreas, com ampla oferta de alimentos, prolongadas por um período suficiente para acompanhar todo o ciclo de desenvolvimento de certas plantas, que fez com que aldeias pré-históricas conhecessem os processos naturais e passassem a reproduzi-los. Ao que tudo indica, as primeiras espécies cultivadas foram as dos cereais já citados, além de abóbora, feijão e outras. O papel das mu-

lheres em meio a estas transformações passou a ser mais amplo, na medida em que elas eram encarregadas das tarefas agrícolas.

As grandes mudanças do final da época paleolítica constituem uma etapa denominada Mesolítico, a qual termina com o estabelecimento da sedentarização dos principais grupos humanos, inaugurando uma nova época denominada **Neolítico**. Este último período pré-histórico, também chamado de **Idade da Pedra Polida**, iniciou-se aproximadamente em 10000 a.C. e prolongou-se até 4000 a.C. As grandes transformações que se processaram nesse período, reformulando profundamente a forma de viver dos grupos humanos, como o desenvolvimento da agricultura e a domesticação de animais, constituíram a chamada **revolução neolítica**.

"Aquilo a que chamamos revolução neolítica foi, muito possivelmente, antecedido por uma revolução sexual, mudança que deu predomínio não ao macho caçador, ágil, de pés velozes, pronto a matar, impiedoso por necessidade vocacional, porém, à fêmea, mais passiva, presa aos filhos, reduzida nos seus movimentos ao ritmo de uma criança, guardando e alimentando toda sorte de rebentos [...], plantando sementes e vigiando mudas, talvez primeiro num rito de fertilidade, antes que o crescimento e multiplicação das sementes sugerisse uma nova possibilidade de se aumentar a safra de alimentos.

[...] A domesticação, em todos os seus aspectos, implica duas largas mudanças: a permanência e continuidade de residência e o exercício do controle e previsão dos processos outrora sujeitos aos caprichos da natureza. Ao lado disso, encontram-se os hábitos de amansamento, nutrição e criação. Nesse passo, as necessidades, as solicitações, a intimidade da mulher com os processos de crescimento e sua capacidade de ternura e amor devem ter desempenhado um papel predominante. Com a grande ampliação dos suprimentos alimentares, que resultou na domesticação cumulativa de plantas e animais, ficou determinado o lugar central da mulher na nova economia.

As palavras 'lar e mãe' estão, certamente, escritas em todas as fases da agricultura neolítica e não menos nos novos centros de aldeamento, afinal identificáveis nos fundamentos das casas e nas sepulturas. Era a mulher que manejava o bastão de cavar ou a enxada: era ela que cuidava dos jardins e foi ela quem conseguiu essas obras-primas de seleção e cruzamento que transformaram espécies selvagens e rudes em variedades domésticas prolíficas e ricamente nutritivas; foi a mulher que fabricou os primeiros recipientes, tecendo cestas e dando forma aos primeiros vasos de barro. Na forma, também, a aldeia é criação sua: não importa que outras funções pudesse ter, era a aldeia o ninho coletivo para o cuidado e nutrição dos filhos."

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1965. p. 22-3.

Ao que tudo indica, o predominante papel da mulher durou até que foi inventado o arado e disseminada a propriedade privada da terra e dos rebanhos, o que acabou permitindo ao homem estabelecer o domínio sobre as atividades produtivas. Parece certo também que a cultura neolítica não substituiu por completo a cultura paleolítica e, talvez, muitas das aldeias tenham recorrido aos caçadores, hábeis nas armas e no enfrentamento, para garantir a segurança, transformados em protetores das comunidades que, mais tarde, passaram a cobrar tributos e, provavelmente, tenham se transformado em líderes e até nos primeiros reis do final do período.

Seja como for, a importância da mulher durante as transformações neolíticas parece reforçada pela posterior escrita egípcia hieroglífica que, como ratificação de uma herança cultural, podia representar "casa" ou "cidade" como símbolos de "mãe".

Embora já conhecessem alguns metais, como o ouro e o cobre, os homens, no início desse período, tinham na pedra polida a matéria-prima básica para fabricação de armas e ferramentas de trabalho. O polimento da pedra tornava esses instrumentos mais resistentes, permitindo, por exemplo, sua utilização na derrubada de árvores, com as quais se podiam construir moradias, canoas, arados, etc.

O final do período Neolítico – chamado Idade dos Metais – caracterizou-se pela intensificação do uso dos metais, graças à descoberta e ao desenvolvimento de técnicas de fundição. Com a evolução da metalurgia, os instrumentos de pedra foram sendo lentamente substituídos por instrumentos de metal, especialmente de cobre, de bronze e, mais tarde, de ferro.

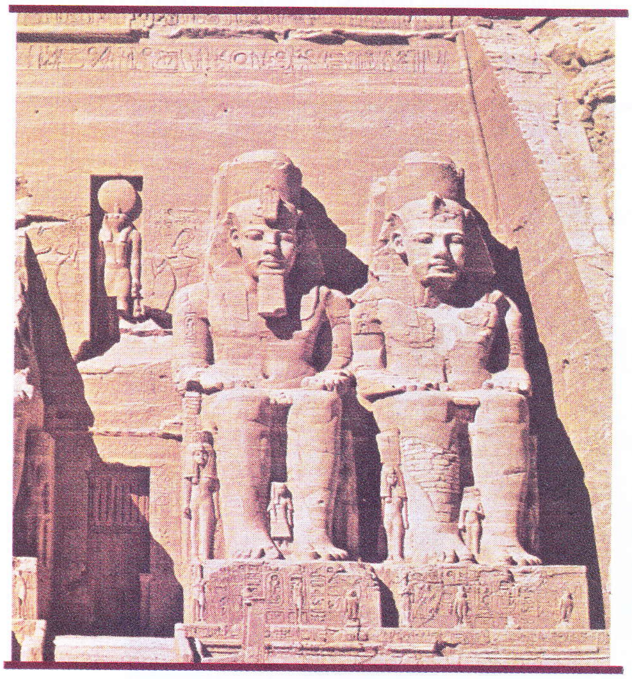
O bronze (liga de cobre e estanho) e, posteriormente, o ferro originaram instrumentos cada vez mais sólidos e cortantes.

No período Neolítico, as relações familiares foram se tornando cada vez mais complexas, ao mesmo tempo que se desenvolvia a noção de propriedade. Muitos homens deixaram de viver em cavernas e passaram a construir suas próprias habitações – palafitas, cabanas de madeira, de barro, ou, ainda, tendas de couro.

O progresso das técnicas de fundição levou ao aperfeiçoamento dos utensílios e das armas. Com isso, a ação do homem sobre a natureza tornou-se mais intensa, permitindo às comunidades mais desenvolvidas exercerem domínio sobre outras, tecnicamente inferiores.

Com a sedentarização humana, multiplicaram-se as aldeias, as quais garantiam a seus habitantes maior segurança contra as ameaças externas. Com o progresso das técnicas agrícolas, as colheitas tornaram-se mais abundantes, o que favoreceu o aumento populacional. Assim, formaram-se grupos familiares maiores – ou tribos – que constituíram o primeiro passo para a organização do Estado, já no final do período.

Embora seja praticamente impossível reconstituir com exatidão a cronologia dos avanços técnicos e culturais, há indícios de que o bronze surgiu no Oriente, por volta de 4000 a.C., alcançando o mar Mediterrâneo e difundindo-se pela Europa a partir de 2000 a.C.



O desenvolvimento técnico e produtivo deu origem a sociedades complexas como a egípcia. Na foto, templo de Abu-Simbel.

Também a escrita foi criada em torno de 4000 a.C., na mesma época em que tinham início as primeiras civilizações como as do Egito e da Mesopotâmia, formadoras de grandes impérios.

Assim, as transformações ocorridas durante a Idade dos Metais promoveram a dissolução das comunidades neolíticas e de muitas de suas instituições – como, por exemplo, a propriedade coletiva –, para substituí-las por formas de organização social mais sofisticadas.

Do Paleolítico ao Neolítico: mudança gradual ou repentina?

"Os historiadores acostumaram-se a separar a coleta e a agricultura como se fossem duas etapas da evolução humana bastante diferentes e a supor que a passagem de uma à outra tivesse sido uma mudança repentina e revolucionária. Hoje, contudo, admite-se que esta transição aconteceu de maneira gradual e combinada. Da etapa em que o homem era inteiramente um caçador-coletor passou-se para outra em que começava a executar atividades de cultivo de plantas silvestres (limpava a terra, arrancava as ervas daninhas, aprendia a cultivar as plantas a partir das sementes) e de manipulação dos animais (reunião e proteção). Mas tudo isso era feito como uma atividade complementar da coleta e da caça.

O passo para a agricultura foi precedido pela 'domesticação' de plantas e animais – escolhendo as variedades mais interessantes para reproduzi-las e para cruzá-las mais adiante –, iniciando um processo de seleção artificial. Mas a domesticação não é mais que uma das condições da transição à agricultura, que somente culminou quando se conseguiu obter uma dieta que proporcionasse todos os elementos nutritivos (cereais, carne e legumes) e que tornou possível depender por completo do abastecimento de plantas e animais domesticados."

FONTANA, Josep. *Introducción al estudio de la historia*. Barcelona, Crítica, 1999. p. 90-1.